

POESIS ET RELIGIONES – A ARTE E A ESPIRITUALIDADE CATÓLICA COMO FORMA DE EXPRESSÃO DE LEODEGÁRIA DE JESUS

POESIS ET RELIGIONES – ART AND CATHOLIC SPIRITUALITY AS A FORM OF EXPRESSION OF LEODEGÁRIA DE JESUS

Resumo: A religião, assimilada com a vinda e colonização dos portugueses no Brasil, marcou mudanças no comportamento, na cultura e na arte. Dentre essas transformações, destacam-se os efeitos artísticos. No caso de Leodegária de Jesus, esse efeito manifestou-se em suas obras, tanto pela influência do âmbito coletivo, incluindo a família, quanto pela crença norteadora da religiosidade presente em seu cotidiano. Expressões sacras, comparadas à natureza e à paisagem local, tornaram-se comuns na estética e no estilo de vida da autora. A forte concepção religiosa presente na capitania de Goiás, já em meados do século XVIII, estimulou o crescimento do catolicismo e de seus dogmas, que adquiriram grande representatividade ao se somarem à cultura local e se popularizarem rapidamente. Essa região originou costumes e tradições mantidos e ressignificados em outras partes de Goiás. Essa força cultural e religiosa é, até a atualidade, reconhecida por meio de rituais e da vivência popular, reforçando o sentimento de pertencimento goiano. O catolicismo não só cooperou para a ocupação das terras goianas, mas também gerou elementos simbólicos de fé e devoção religiosa, que fazem parte do imaginário coletivo e das crenças pessoais, tanto populares quanto intelectuais. Até os dias atuais, esses elementos mantêm a pluralidade cultural e o pertencimento ligados à goianidade e ao cotidiano, funcionando como uma herança histórica reproduzida e assimilada ao longo do tempo no estado.

Palavras-chave: Catolicismo. Goiás. Poema. Religiosidade. Leodegária de Jesus.

Abstract: The arrival of the Portuguese in Brazil and their colonization brought with them religion, which profoundly influenced the country's behavior, culture, and art. In the case of the writer Leodegária de Jesus, this influence is reflected in her works, marked both by the everyday religiosity of her family and community and by the beliefs that permeated her life. Sacred expressions, especially those connected to nature and the local landscape, became common in her aesthetic and lifestyle. In the captaincy of Goiás, around the 18th century, Catholicism established itself, shaping customs and dogmas that quickly gained strength, blending with local culture. The Catholic religion not only helped occupy the lands of Goiás but also created symbols of faith and devotion that are now part of the collective imagination and personal beliefs, both popular and intellectual. This religious and cultural heritage remains to this day, manifesting in popular rituals that reaffirm Goian identity. The symbolic elements of Catholicism continue to be a link between cultural plurality and the sense of belonging in Goiás, being transmitted and reinterpreted over time.

Keywords: Catholicism. Goiás. Poem. Religiosity. Leodegária de Jesus.

Fabiana Sales Freitas¹

Mary Anne Vieira Silva²

1 Graduação em Letras - Português e Inglês e Respectivas Literaturas. Qualificada pelo mestrado do Programa TECCER sediado na UEG Anápolis- bolsista CAPES. Participante do Laboratório CIEAA - UEG Anápolis Integrante do Grupo de Estudos Rosa Parks - UFG.

2 Pós-Doutorado em Geografia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) (2019). Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás (UFG) (2013). Mestre em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP) (2001). Graduada em Geografia (licenciatura e bacharelado) pela Universidade Federal do Ceará (UFC) (1994).

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem por objetivo demonstrar a influência religiosa e o quanto ela se reverberou na vida e na obra de Leodegária de Jesus. De caráter bibliográfico, a autora foi instruída pelos pais, sobretudo pelo pai, que, em sua juventude, fora seminarista da Igreja Católica. Assim, assimilou preceitos religiosos que integraram sua formação humana e, sobretudo, desenvolveu uma vida de caridade e devoção, expressa em poemas repletos de sacralidade, dedicados aos elementos mediadores da fé – tanto sua quanto de sua família e de toda uma região tradicionalmente pautada no catolicismo popular, cujas manifestações se evidenciam nas construções, festas religiosas e demarcações culturais, fomentadas pelo auxílio e influência da Igreja.

Ademais, a apresentação das influências na obra da poetisa revela-se crucial, dada a interseção entre história e identidade, perceptível tanto em sua conduta social quanto na vivência da fé e na vinculação à instituição cultural religiosa. Além disso, suas percepções acerca do “sagrado” constituem um elemento central para a compreensão de sua poética. A composição deste texto emerge da necessidade de elucidar as conexões entre o lugar (Cidade de Goiás), o tempo (séculos XIX e XX), a religião (credo cristão católico) e a obra, que se

configuram como demarcadores imprescindíveis para desvelar os complexos amálgamas que compõem os processos históricos do Estado de Goiás e a própria constituição da intelectualidade literária regional, no caso, do pioneirismo leodegariano.

Para tanto, o texto será dividido em três partes: o aprendizado familiar; a cidade marcada por suas simbologias e práticas religiosas; e, por fim, a influência da fé na construção lírica da autora. De forma articulada, destacar-se-ão as referências teóricas que fundamentam a análise do inegável efeito da religião na construção poética da escritora em questão.

A DEVOÇÃO FAMILIAR E PRECEITOS DA RELIGIÃO APRENDIDOS DE FORMA PATERNA

No Brasil, apesar da "abolição dos escravos", no ano seguinte, no dia 8 de agosto, nasceu em Caldas Novas, Goiás, a poetisa Leodegária Brasília de Jesus. Filha de um homem negro chamado José Antônio de Jesus, que ficou órfão, viveu em um orfanato, foi para um seminário católico e, ainda na infância, vivenciou a pobreza desde o nascimento, e de Ana Isolina Furtado Lima de Jesus, uma mulher branca, filha de médico e proprietária de bens e escravos. Os pais da escritora

estruturaram uma escola de cunho religioso na cidade de Caldas Novas e, posteriormente, fundaram outra instituição educacional em Jataí, também no interior de Goiás. Assim, migraram com as três filhas: Leodegária, Zenóbia e Maria Aurora.

Em seu processo diaspórico pelo estado goiano, existe um recorte de tempo e espaço relacionado à mudança para a Cidade de Goiás em virtude de um convite recebido por seu pai para a fundação de uma escola onde, naquele momento, crescia a capital do Goiás.

No que tange à biografia de seu pai, ele ficou órfão e, por isso, foi criado em um seminário católico, onde teve uma educação extremamente rígida e moralista, pautada nos ensinamentos religiosos. Esses preceitos e aprendizados catequistas foram utilizados na criação das filhas. A educação de Leodegária se deu tanto na escola quanto no âmbito familiar. De acordo com França (2019), Leodegária estudou em um colégio “dirigido por religiosas francesas, que transmitiam ‘sólida instrução, requintado e alto nível educacional’. Terminado o curso, com notável aproveitamento [...]” (França, 2019, p. 22).

A IDENTIDADE CULTURAL E LUGAR DE VIVÊNCIA RELIGIOSA DA AUTORA

A demarcação cultural exercida pelo culto católico em Goiás estabeleceu uma identidade religiosa que influenciaria sua atuação em todas as áreas. Essa identidade pode ser compreendida através da “construção histórico-cultural socialmente reconhecível do sentimento de pertença religiosa, relacionada a determinado tempo e espaço” (Gil Filho, 2001, p. 76). A legitimação identitária ocorre devido ao conjunto de práticas forjadas pela estrutura eclesiástica, levando os goianos a criarem o que pode ser denominado “territorialidade religiosa”, a qual se consolida a partir do simbolismo atribuído aos territórios.

É só durante o século XIX que o desenvolvimento de uma massa crítica de textos em língua portuguesa dá o termo “literatura” sua acepção moderna, ao mesmo tempo em que assiste a uma redefinição nacional dos universos literários. As literaturas nacionais mobilizam mitos e emoções em favor de processos de constituição e de reativação das identidades (...). (Mattelart; Neveu, 2004, p.22)

Essa prática torna-se responsável pela dinâmica estruturante da sacralização espacial, o que, em Goiás, resulta em um intenso número de padroeiros reconhecidos simbolicamente nas cidades. Essa valorização, na maioria das vezes, converge com a experiência religiosa vivida, reproduzida, popularizada e repetida, que, por fim, se

introjeta nas crenças e na devoção popular a um santo específico.

A religião e a poesia trabalham a essência humana para além da concretude. Dessa forma, a religiosidade serve como intersecção entre o autor/poetisa e a cultura, as tradições e a subjetividade, somadas à questão estética como efeito inegável da fé e da pessoalidade.

O posicionamento estético e lírico da autora manifesta, em sua obra, um misto de resiliência pessoal e pioneirismo, ao mesmo tempo em que preserva resquícios tradicionais da religião como elemento constitutivo da Cidade de Goiás. Consequentemente, manteve resguardados a fé e os dogmas religiosos no cuidado com a família e na convivência social.

“A ética religiosa interfere na esfera da ordem social em profundidade muito diversa. Decisivas são, aqui, não apenas as diferenças na vinculação mágica e ritual na religiosidade, mas, sobretudo, sua posição de princípio em relação ao mundo, como tal.” (Bonome, 2010, p. 20).

É importante observar que a modernidade determinou a ruptura de um indivíduo unicamente religioso, transformando-o em um ser polarizado entre racionalidade e subjetividade. Essa dualidade também se manifesta na intelectualidade e na atuação social da autora. Vivendo no século

XX, era possível perceber que a religião contribuía para a sociedade, e o coletivo caracterizava o ambiente religioso, influenciando a maneira como o aspecto religioso deveria ser manifestado.

Em virtude da necessidade de pertencimento e demarcação identitária, era fundamental que o território fosse reconhecido como o "coração do Brasil", o que levou ao estabelecimento de atos religiosos advindos da mestiçagem e do catolicismo popular implementado pelos europeus. Assim, as práticas litúrgicas e religiosas da fé católica contribuíram para a manutenção dessa religiosidade em todo o território goiano. Por isso, tanto dentro quanto fora do ambiente familiar, o catolicismo permeava o pensamento social e subjetivo da autora.

De acordo com Paz (1982, p. 142), “o mundo do divino não cessa de nos fascinar, porque, mais além do renovo e da curiosidade intelectual, há no homem moderno uma nostalgia. A voga dos estudos sobre os mitos e as instituições mágicas e religiosas tem as mesmas raízes que outros interesses contemporâneos, como a arte primitiva”.

Quando se trata de religiões institucionalizadas, o corpo se movimenta de diferentes maneiras, em localidades e horários predeterminados: na Umbanda, circula em direção a um espaço central, acompanhado de

danças; nas igrejas católicas e protestantes, as gestualidades são mais verticais e se direcionam à frente do templo, onde se localizam o altar ou o púlpito; no Budismo, o corpo se horizontaliza, entrando em contato com o chão (Martino, 2016, p. 130).

Nos templos religiosos ou fora deles, podemos afirmar que o espaço-tempo da experiência religiosa — e, portanto, do “religare” — é o próprio corpo. Se considerarmos que é possível nos ausentarmos de nós mesmos e perdermos o contato com quem somos (Contrera, 2009), entenderemos que viver uma experiência religiosa vai além de realizar movimentos corporais em locais e momentos específicos: exige estar presente no corpo.

Em outras palavras, não se trata de como o corpo se movimenta, nem de onde ou quando isso ocorre, mas sim do estar e do ser, que verdadeiramente propiciam a experiência religiosa.

O ESTADO E A CIDADE DEMARCADOS PELA SIMBOLOGIA E PRÁXIS

Goiás é um estado marcado por múltiplas concepções de sentido em suas crenças, alternando entre o sagrado e o profano. De modo geral, diversas tradições religiosas se caracterizam pela presença de

espaços que foram e continuam sendo sacralizados ao longo da história. Influenciado por uma cultura popular, o catolicismo se destaca entre os elementos representativos, tendo sido amplamente difundido e ressignificado, adquirindo uma pluralidade de sentidos e valores.

A manifestação do sagrado, seja em um espaço determinado ou em uma pessoa, ocorre em várias cidades goianas por meio da sacralização de lugares dedicados aos padroeiros. Esse processo se fundamenta na devoção das pessoas a determinados santos, seja por bênçãos recebidas individual ou coletivamente. Como resultado, realizam-se celebrações e festas para cultuar e celebrar a crença no santo evocado como padroeiro.

Por meio da ação do padroado régio, a Igreja Católica se difundiu pelo estado com a atuação das Bandeiras, nas quais religiosos acompanhavam os expedicionários colonizadores em suas missões. À medida que as atividades mineradoras eram instaladas, também se construíam capelas, cada uma com seu padroeiro. Com a consolidação do trabalho e da atividade religiosa nessas localidades, veio o crescimento e a expansão das áreas ocupadas pelos portugueses.

Ao longo dos anos, o povo goiano não se desvinculou da tradição católica inserida em seus costumes pelos colonizadores; ao

contrário, essa tradição assumiu novas formas sem abandonar suas bases históricas. O catolicismo se popularizou, e, para esse fenômeno, Hoornaert (1991) argumenta que se trata de uma reverência e devoção vivida pelas classes mais baixas, geralmente excluídas da sociedade. Segundo o autor, esse catolicismo popular constitui a “cultura original e mais rica que o Brasil já produziu” (Hoornaert, 1991, p. 99), sendo uma das expressões mais autênticas da religiosidade nacional desde a colonização.

Hoornaert (1991, p. 104) complementa afirmando que “foi o catolicismo dos pobres que guardou durante séculos a mensagem evangélica para o Brasil e que continua a remir o catolicismo oficial”. Ou seja, sem a popularização dos ritos católicos feita pelas camadas populares, essa devoção, de raízes europeias, talvez já tivesse sido extinta nas terras daqueles que foram forçados a serem civilizados.

Devido à forte presença do culto católico em Goiás, a religião passou a imprimir uma marca identitária local, moldando a cultura e os valores sociais. As relações de apropriação instituídas ao longo do tempo, tanto em sua dimensão visível quanto ideológica e metafísica, fizeram da religiosidade um processo de identificação social para os goianos, estruturado pelos

sentidos e significados atribuídos ao catolicismo.

Esse ato identitário, em conformidade com o catolicismo, é ratificado pelas palavras de Sandes (2002): “A construção cultural dessa localidade traduz diversidade – espaço de manifestação diversificada de ligação com o sagrado em que se exige a percepção do espaço em lugar.” Assim, para além dos elementos que compõem a formação territorial, é possível identificar demarcações capazes de atribuir um pensamento coletivo à pluralidade cultural goiana.

A INTERPRETAÇÃO DE POEMAS LEODEGARIOANOS QUE EXPRESSAM O CATOLICISMO

Maio

A aurora surge fulgente,
Cheia de encanto, alegria,
Porque raiou sorridente
O lindo mês de Maria.

As avezinhas exultam,
Espalham doce harmonia,
Com meigo canto saúdam
O lindo mês de Maria.

Nos matagais perfumados,
A brisa meiga cicia,
Os ramos beijam aljofrados,
Saudando o mês de Maria.

Neste mês um só queixume
Não se ouve. Quanta alegria
Oh! como é doce o perfume,
Da flor, no mês de Maria!

Como é bela a natureza!
Quanta doçura e magia

Encerra e quanta beleza
O claro mês de Maria!
(De Jesus, 1906)

Na obra da autora, percebe-se um forte vínculo entre a natureza e a religiosidade. O ambiente bucólico proporciona a serenidade necessária para a conexão com o “sagrado”. Além disso, é relevante notar que o mês escolhido para a manifestação do “eu-lírico” coincide com aquele reservado ao Dia das Mães.

A questão geográfica reforça não apenas a beleza natural de Goiás e a importância de seu espaço — até então pouco explorado —, mas também a interligação entre o homem religioso projetado e experienciado naquela região. Destaca-se ainda o apelo religioso dentro da comunidade católica e a organização do calendário social em função da manutenção da fé professada na cidade de Goiás. Assim, a última estrofe reacende a fé como resposta às dores sociais.

Elementos lexicais, como “a aurora” e a imagem das aves louvando a chegada desse mês, assim como “a flor” exalando seu perfume transformado pelo sagrado, o religioso e o sublime, trazem à tona uma clara redenção da natureza em relação à soberania divina de Maria. Por fim, a personificação dos elementos naturais sugere que eles, de alguma forma, conscientemente louvam a chegada dessa data especial, que celebra a mãe de Cristo.

Para Otto (2007), ao descrever a relação entre o “sagrado” e a “arte”, observa-se que a humanidade sempre teve o hábito de tratar o numinoso de maneira hiperbólica ou exuberante. Dessa forma, a arte busca refletir o sentimento do “excelso” e do “grandioso” (Otto, 2007, p. 105).

Assim, a concepção da hipérbole perpassa o ufanismo e as intenções subjetivas da autora, interligando-se simultaneamente aos adventos políticos, sociais e morais da época.

A Virgem Maria

Ó Maria, sorriso do Eterno,
Obra prima de Deus Criador!
É teu seio de Mãe doce e terno
Um tesouro infinito de amor.
Foste feita a mais pura e formosa
Dentre todas as filhas de Adão;
Destinada à missão gloriosa
Mãe de Deus na feliz Conceição.
Foste tu, ó esplêndida Aurora,
Do bom Deus o primeiro sacrário!
És, também, nossa Mãe
e Senhora Que Jesus nos legou, no
Calvário.
(De Jesus, 2001. p. 287)

Os predicativos atribuídos à mãe de Cristo no referido poema revelam tanto seus atributos humanos quanto divinos, seja na vida, na maternidade ou, principalmente, no momento sacrificial representado por Cristo no Calvário. Os adjetivos dedicados à mãe do Salvador reforçam a maternidade estendida como alívio, não apenas a seu próprio filho, mas a toda a sociedade. Novamente, enfatiza-

Sales Freitas, et. al., 2025

se a comparação entre a natureza e a representação do “sagrado”.

Urge observar que a escolha divina concedida a Maria envolveu a redenção: o ato de escolher o propósito de Deus e, ao mesmo tempo, ser escolhida por Ele. Em continuidade, evidencia-se o início — “a aurora” — e a cruz como sacrifício e legado testemunhado por Maria e transmitido às futuras gerações.

No processo poético, percebe-se o sentimento de propósito sacrificial e a cooperação de Maria em conduzir Jesus do ventre ao Calvário, com a certeza de que o poder salvífico dele traria alívio para a humanidade, assim como sua predileção em toda a criação adâmica.

Ao parafrasear Bonome, observa-se a possibilidade de analisar de forma mais eficaz o jogo social, os interesses e as necessidades, facilitando a interpretação e a compreensão do ser humano (Bonome, 2010, p. 112). Infere-se, então, a possibilidade de reconhecer a essência e os valores do indivíduo conforme sua visão, perspectiva e crença religiosa. O olhar aparentemente resignado refletia a sublimação da relação transcendente entre ela e o Sagrado.

Relíquia

Essa cruz de madeira pequenina,
Que tenho aqui, em frente de meu leito,
Perante a qual meu coração se inclina,

A que beijo, com amor, quando me deito.

Essa cruz tão singela, tão franzina
Ele a trazia sempre sobre o peito;
E quantas vezes quantas, á surdina
Surpreendi-o a beijá-la com respeito!

Foi essa cruz a doce companheira.
De seu longo martírio ... da cegueira

Embalsamou-lhe a noite tormentosa.

E, afinal, acolheu-lhe aquele beijo,
O derradeiro, no último lampejo
De uma vida de mártir, dolorosa.

(De Jesus, 1928, p. 81).

Interessante notar a assimilação gradual do sentimento moral e religioso dentro do núcleo familiar, reproduzido no comportamento adquirido por herança geracional — seja pela fala, seja pelo modo de agir em sociedade. Essa herança, conforme o texto, é representada pelo símbolo da cruz, reflexo da humanidade e da fragilidade divina de um “Deus” vilipendiado pelas escolhas, ações e falta de percepção do homem diante do sagrado.

A atitude de redenção, segundo Otto (2007), ocorre pelo agir compulsório do hábito. Esse sentimento de impotência perante a morte — um contexto vivenciado pela família — atrai práticas religiosas como forma de buscar harmonia e alívio diante do sofrimento. “A noção do dever somente pode ‘evoluir’, isto é, despertar do próprio espírito, porque este a contém em princípio” (Otto, 2007, p. 84).

A demarcação simbólica representada pela cruz é estabelecida para materializar no

plano físico a expressão "em meu peito", configurando um rito de manifestação da fé aprendida ao longo da vivência como parte essencial do estilo de vida do pai e, posteriormente, da autora.

Desse modo, a manutenção do dever de evoluir espiritualmente, seja por meio de símbolos e atos voltados à religiosidade ou não, culmina no despertar da fé nos momentos de angústia. O contato com um "Deus", ainda que fruto de uma transmissão social, manifesta-se de forma subjetiva em cada pessoa. Logo, ainda que Leodegária tenha "aprendido" pelos costumes e pelo dever de ordem e sacramentos religiosos, a maneira como ela lidou com os princípios e a práxis da religião não foi a mesma do pai nem da sociedade em que estava inserida.

O poder sacrificial torna-se pessoal à medida que a cruz é introjetada pela relevância do propósito a ser alcançado. Diferentemente do poema anterior, a vida cristã é sublimada no momento de absoluta dor e desconforto causados por enfermidades e mazelas físicas e espirituais. Revela-se, assim, a experiência de levar a própria cruz na intimidade da dor e do sofrimento.

Além do batismo e da prática litúrgica escolhida pela família, a intenção de viver a religião era algo fundamental em sua vida, em seu relacionamento familiar e profissional,

assim como nas interações sociais ditadas pela classe e pela sociedade. Esse período intelectual em ebulição era revestido de olhares patriarcais e modos orientados pela religião. A cruz, símbolo religioso pertencente ao cristianismo, é apresentada como "simples e de madeira", representando uma religião cotidiana, casual e presente nos lares daqueles que compartilham a fé. Por outro lado, evidencia-se a magnitude do significado de submissão e da intersecção entre a comunhão com Deus e a forma de vivenciar a fé em família.

Assim, o "religare" manifesta-se de maneira reverente e respeitosa, trazendo alívio nos momentos de dor, a ponto de resguardar aqueles que expressam sua fé em meio à aflição. Trata-se de uma ação heroica daqueles que suportam, com fidelidade, a sã doutrina, tal como o precursor – Jesus de Nazaré.

A manutenção do dever de evoluir espiritualmente, seja por meio de símbolos ou atos religiosos, culmina no despertar da fé nos momentos de angústia e no contato com um ser divino. Mesmo sendo uma transmissão social, manifesta-se de forma subjetiva em cada indivíduo. Dessa forma, ainda que Leodegária tenha aprendido pelos costumes da ordem e sacramentos religiosos, a maneira como ela lidou com os princípios e práticas da religião diferiu da do pai e da sociedade em que estava

inserida. O “eu” e o “nós” estão encapsulados pelo anseio de eternizar o legado do sacrifício.

Ela achava que a educação e a religião, principalmente, por ensinar o temor de Deus, podem controlar um mau caráter. Não obstante ler tão bem as cabeças, muito "tomou na cabeça" por causa do coração que era de fato "um grande músculo muito mole" (Otto, 2007, p. 44).

Por esse motivo, a aplicação dos preceitos católicos na escola que fundou, além de muito efetiva no setor acadêmico, servia para ensinar princípios como forma de modular o comportamento e direcionar os jovens da época para o caminho que ela aprendera em família. Isso fazia parte de sua essência e emoções, ou ao menos da tentativa de controlar essas emoções impositivamente e pautar as escolhas consideradas vitais e inevitáveis. Infere-se, assim, o abafamento dos sentimentos em detrimento da moral introjetada. Ao mesmo tempo, havia um empenho na verdade científica, ainda que filtrada pelo prisma da ordem religiosa.

Não existe religiosidade progredida sem que haja um avanço concomitante no compromisso moral e na compreensão do sujeito como atributo moral da divindade. Ainda assim, pode haver um reconhecimento profundamente humilde do sanctum sem que ele esteja imediatamente tomado por exigências morais. Isso evidencia a reverência

e o reconhecimento de algo que exige respeito sobre-humano, algo que precisa ser íntimo e validado de maneira sublime e objetiva e, ao mesmo tempo, situado acima de todos os valores racionais, como um valor estritamente irracional. Esse receio diante da santidade não é simplesmente um "receio" (Otto, p. 91).

O Colégio São José floresceu, rapidamente, sem anúncios nos jornais. Quem o benzeu foi o Padre Eustáquio, muito novo ainda recém chegado da Holanda. O virtuoso padre sentenciou: "Este Colégio vai progredir muito financeiramente e espiritualmente".

Além de todas as matérias exigidas, ela ensinava religião. Se o pai desse o contra ela dava-lhe liberdade para retirar o filho ou a filha. Nunca saíram, porque o Colégio era bom mesmo. (França, 1996, p.42).

A palavra "reliquia", etimologicamente, representa objetos dignos de veneração, seja no contexto do cristianismo ou como presente aos mártires, com o propósito de fomentar uma manifestação espiritual fervorosa. A reliquia busca reproduzir ímpeto, coragem e alegria no ato de propagar o Evangelho. Não por acaso, Leodegária considerava seu pai um exemplo sacrificial tanto para a religião quanto para a família.

Para Otto, existe uma combinação ou lei de atração de sentimentos que seguem os seguintes conceitos em sequência, dispostos em “O Sagrado”:

a) No que tange aos termos "suscitar" e "passar para", no intuito de transmutação, verifica-se, segundo o autor, equívocos teóricos e compreensões equivocadas. Assim, deve-se considerar: segundo uma lei da Psicologia, as ideias semelhantes e os pensamentos contínuos possuem uma atração inevitável. Outrossim, um sentimento pode despertar outro semelhante de forma sincrônica, tornando-se parte dele. Considera-se, portanto, que, assim como as ideias, os sentimentos podem tornar-se adequados ou inadequados diante de determinada situação ou expectativa. Esse processo não apenas atrai novos sentimentos, mas também os modifica e os faz evoluir para emoções distintas das anteriores.

b) Ocorre que semelhante transformação, muitas vezes, é pressuposta pela teoria da evolução contemporânea (sugerindo-se, talvez, o termo teoria da transformação), ao introduzi-la pela capacidade de conectar mudanças similares, evidenciando-se a necessidade de agir conforme o esperado, ainda que tal comportamento não traduza plenamente a realidade de todo indivíduo. No caso de Leodegária, verifica-se a expectativa de tratar os preceitos religiosos como verdades aparentes, ao mesmo tempo em que se manifesta o obscuro anseio de lidar, por meio

do "homo religiosus", com as mazelas inerentes à vida humana.

c) O contexto histórico pode ter sido influenciado por uma suposição evolucionista de sucessão gradativa de diferentes aspectos do sentir, organizados em uma determinada sequência e ligados aos fatos históricos nos quais o sujeito está inserido. Segue a lei da suscitação e do despertar de sensações e noções por outras já existentes, segundo o critério de semelhança. Assim, por exemplo, há uma semelhança entre a imposição pelo costume e a imposição pelo dever: ambas são imposições práticas. O sentimento da primeira pode, portanto, despertar o da segunda na psique, caso esta esteja predisposta. O sentimento do "dever" pode ser motivado por sintonia com a moral, o conhecimento e os hábitos. Com efeito, o sujeito pode, aos poucos, deslocar-se de um momento para outro. Trata-se da substituição gradativa de um pelo outro, não da transformação de um no outro, tampouco da evolução de um para o outro. O terceiro sentimento é promovido pela experiência subjetiva.

d) O sentimento embasado na normatividade moral ocorre em consonância com o sentimento do numinoso. Assim, sentir o numinoso não pode ser gerado por outra sensação, tampouco ocorrer por evolução de uma experiência para outra; trata-se de uma

sensação qualitativamente distinta e original, uma proto-sensação – não em sentido temporal, mas de princípio. Além disso, corresponde a outros sentimentos, podendo tanto desencadeá-los quanto ser por eles desencadeado. A busca por esses elementos motivadores, esses "alumbramentos" para seu despertar, e a identificação das conexões que coexistem com tais desencadeadores significam descobrir o conjunto de estímulos capazes de despertar o sentimento numinoso. Tal abordagem deve substituir os constructos "epigenéticos" e demais concepções sobre a evolução da religião.

e) Um desses estímulos para o despertar do sentimento numinoso foi, incontestavelmente, o sentimento do sublime, podendo também, segundo a lei mencionada, corresponder à união com o sentimento numinoso. Tal motivação, sem dúvida, manifestou-se tardiamente na sequência dos estímulos. Provavelmente, o sentimento religioso em si eclodiu antes do sentimento do excelso, tendo este surgido não como seu fruto direto, mas como algo potencializado no espírito. No que concerne a Leodegária, os elementos supracitados, em consonância com os postulados de Otto, correlacionam-se a aspectos como a mudança de suas escolhas, a alteração de comportamento ao tornar-se arrimo de família, a capacidade de relacionar e

ressignificar elementos religiosos em sua conduta pragmática – vinculada à moral da época – e a busca por organização e equilíbrio emocional, imprescindíveis para conectá-la e reconectá-la aos valores fundamentais de sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notável que, em um país colonizado em um momento histórico de Contrarreforma Protestante, a influência comportamental, espiritual e, sobretudo, a maneira de perceber a vida e a existência possam ter condicionado algumas decisões da autora. Em sua vida pessoal, o sentimento resignado por seu grande amor, separado pelo abismal confronto religioso da época, resultou no sufocamento das emoções mais autênticas, suplantadas por outra realidade social circundante.

Nota-se que a religião, para Leodegária, foi, de certa forma, resignificada pela experiência tangível da dor alheia e da própria. Transmutar a importância do contato divino em poesia revela a sublimação de emoções e expectativas (fé) que não se permitem decifrar facilmente, tampouco cotejar com outros sentimentos, pois se revelam perenes ante a eternidade religiosa. A herança religiosa familiar firmou-se como vínculo que a sustentou em meio ao desalento.

O aprendizado desde a tenra infância, aliado aos comportamentos reproduzidos na escola onde estudou, trouxe-lhe não apenas o rigor das normas, mas também um conjunto de valores que moldaram sua personalidade e atitudes, fortemente embebidas dos preceitos religiosos. Além disso, o amor à família e a admiração pelo pai impunham-lhe beatitudes quase constantes no estilo de vida, diante das vicissitudes e das diferentes paisagens que compuseram suas andanças. O alívio proporcionado pela religiosidade afagava-lhe a alma e a auxiliava na travessia dos percalços e contingências da vida, sem que dela brotasse qualquer ímpeto de imputar culpa à existência, à condição ou a quaisquer outras circunstâncias próprias do viver.

“Portanto, ao estabelecermos contato com o poema, sem ignorarmos elementos a constatação, às vezes, de elementos biográficos, se faz necessários privilegiarmos o texto para que, por meio de uma leitura que não o amarre logo de início, nos sejam permitidos todos os sentidos, encantamentos e desencantamentos que a poesia nos possibilita” (Camargo; Guimarães; Curado, 2023, p. 151).

O convívio com as pessoas, o silêncio e as inquietações a fortaleceram, assim como a consciência de sua própria existência e o contato com a supremacia da criação. Em meio ao sofrimento, tais elementos avivavam-lhe a criatividade e o espontâneo fluir das ideias,

como um fenômeno etéreo de alguém que fazia da religiosidade não um exercício farisaico, mas uma força motriz para seus pensamentos e decisões. Até o fim, o crucifixo, a Bíblia e o conhecimento sobre o "Supremo" orientaram-lhe a percepção das razões de cada dor e inquietação que lhe coube suportar, convertendo a rejeição social em força e o desprezo em atos de amor.

Para a tristeza de muitos, Manchinha planejava fechar o Colégio. Sempre teve um organismo fortíssimo, nunca ficara de cama, mas a estafa estava dominando-a. Ela me contava que, sozinha, era capaz de mudar de lugar uma mesa de três metros, carregando! Até agora, velhinha, parecia ter mais força do que eu! Contava-me também, que sua vocação era ser enfermeira ou farmacêutica. Tinha uma caderneta cheia de fórmulas, gostava de tratar dos de casa. (França, 1996, p. 43).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BONOME, José Roberto. **Cultura e religião**. Goiânia Ed. da PUC – Goiás, 2010.
- CAMARGO, Goiandira Ortiz de; GUIMARÃES, Maria Severina; CURADO, Bento Fleury (org.). **Literatura**. Goiânia: Edições Goiás + 300, 2023.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad. **Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade**. Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás – UFG, 1997.

CONTRERA, M. S. **Do lado de fora do jardim encantado: comunicação e desencantamento do mundo**. E-Compós, [S. l.], v. 12, n. 3, 2010. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/432>. Acesso em: 14 out. 2024.

CUNHA, Tania Rezende Silvestre; CASTRO, Rosa Betânia Rodrigues de; MORAES, Andreia Demétrio Jorge (orgs.). **Reflexões Contemporâneas: Dialogando Saberes**. Ituiutaba: Barlavento, 2016.

DE JESUS, Leodegária. **Orquídeas**. São Paulo: Editora Ave Maria, 1928.

DE JESUS, Leodegária. **Coroa de Lírios**, Campinas, Editora Azul, 1906.

DENÓFRIO, Darcy França, **Lavra dos Goiases III-Leodegária de Jesus**, Goiânia, Câne Editorial, Livraria Leodegária, 2019.

FRANÇA, Basileu Toledo. **Poetisa Leodegária de Jesus**, Goiânia, Gráfica e Editora Kelps, 1996.

FREITAS, Lena Castello Branco Ferreira da. **Goiás: história e cultura**. 2. ed. Goiânia: Descubra, 2007.

GIL FILHO, S. F. **Estruturas da territorialidade católica no Brasil**. Scripta Nova. Revista electrónica de geografía y ciencias sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 15 de enero de 2006, vol. X, núm. 205. Disponível em: <http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-205.htm>. Acesso em: 14 out. 2024

HOORNAERT, Eduardo. **Formação do Catolicismo Brasileiro: 1550-1800**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

MATTELART, André; NEVEU, Érick. **Introdução aos estudos sociais**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

OTTO, Rudolf. **O sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional**. [traduzido por] Walter O. Schlupp. - São Leopoldo: Sigodhl/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PAZ, Octavio. **Claude Lévi-Strauss o el nuevo festín de Esopo**. In: Ideas y costumbres II: Usos Y Símbolos. Ciudad de México: Fondo de Cultura, 2003.

SANDES, Noé Freire. **Memória e História de Goiás**. In: SANDES, Noé Freire (Org.). Memória e Região. Brasília: Ministério da Integração Nacional – Universidade Federal de Goiás: Coleção Centro-Oeste de Estudos e Pesquisas, 2002, p. 17-36.